

- <sup>9</sup> Arquivo Público Mineiro (APM) - Fundo DOPS/MG – Rolo 0043 {1} 004  
<sup>10</sup> ASSUNÇÃO, Rosângela. Op cit.p.114  
<sup>11</sup> MOTTA, Rodrigo Patto Sá. *Em guarda contra o "perigo vermelho"*: Op.cit.  
<sup>12</sup> JOFFILY, Mariana. *No centro da engrenagem: os interrogatórios na Operação Bandeirante e no DOI de São Paulo (1969-1975)*. 2008. Tese (Doutorado em História). Pós-Graduação em História Social, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.p.96  
<sup>13</sup> FICO, Carlos. *Como eles agiam, os subterrâneos da Ditadura Militar: espionagem e polícia política*. Rio de Janeiro: Record. 2001.p.100  
<sup>14</sup> APM - Fundo DOPS/MG, Rolo 0038 pasta 004.  
<sup>15</sup> APM- Fundo DOPS/MG, Pasta 0041, Rolo 004.  
<sup>16</sup> FOUCAUT, Michel. *Vigiar e Punir*. Petrópolis: Vozes, 1986 p.224.  
<sup>17</sup> APM – Fundo DOPS/MG, Pasta 0038, Rolo 004.  
<sup>18</sup> APM- fundo DOPS/MG Pasta 0038 rolo 004. Outubro de 1969.

## O Cultural Change Institute: a cultura como via única para o progresso

Samantha Cintra Magnanini\*

Os atentados terroristas aos Estados Unidos no dia onze de setembro de dois mil e um deixaram o mundo estupefato. As cenas de ataque ao território norte-americano que tanto divertiam no cinema hollywoodiano tornavam-se realidade e desconcertavam cientistas sociais do mundo todo. O discurso proferido pelo presidente George W. Bush, horas após os atentados, apontava qual seriam os rumos adotados para a política externa do país: uma vez que a democracia e a liberdade foram atacadas, os Estados Unidos iniciavam uma guerra contra o terror a partir do que nomearam como ataque preventivo.

A enigmática frase de George W. Bush em seu discurso após os atentados, afirmando que *"os ataques terroristas podem estremecer as fundações de nossas construções, mas elas não podem tocar nas fundações da América"*<sup>1</sup>, demonstra a crença de que existe um bem característico da sociedade norte-americana que não pode ser destruído, que é um bem moral, oriundo da formação identitária norte-americana, um traço cultural característico dos Estados Unidos que provoca, neste contexto com ainda mais potencialidade, orgulho e nacionalismo.

Existe um debate historiográfico muito intenso sobre a questão da formação da identidade nacional norte-americana. Embora não seja consensual que o mito da excepcionalidade é um fator constitutivo da identidade nacional dos Estados Unidos, alguns estudiosos, como Mary Ann Junqueira, acreditam que esse mito é utilizado nos momentos de crise para reforçar a coesão entre os integrantes da nação. Para a autora, existiram vários momentos históricos em que os chefes de Estado utilizaram referenciais que remetem à fundação da nação norte-americana com este objetivo. Através do resgate da memória coletiva e do imaginário, construídos a partir de símbolos e mitos específicos, George W. Bush em seu inflamado discurso relembra aos norte-americanos que eles fazem parte de uma comunidade excepcional.<sup>2</sup>

Convém pontuar, contudo, que a presente análise não defende a hipótese de que existe um consenso dentro do universo político norte-americano, lembrando que o campo político, sob a ótica de Pierre Bourdieu, é um lugar de luta onde os atores sociais disputam

lugar hegemônico através do capital simbólico que possuem em determinado momento histórico.<sup>3</sup> Desta forma, o projeto entende e reforça a fluidez do campo político, mas chama atenção um momento muito particular da história dos Estados Unidos, o momento posterior aos ataques terroristas, onde o resgate da formação nacional é utilizado pelo Estado para legitimar um novo rumo para a política do país.

Através do discurso de que os Estados Unidos representam a liberdade e a democracia, George W. Bush preconiza uma política externa que reforce o poder dos Estados Unidos no contexto global, adotando medidas unilaterais que muitas vezes rejeitam as resoluções dos órgãos internacionais para travar uma luta contra o "terror" e o "eixo do mal". Por este motivo, a conjuntura histórica criada a partir dos ataques terroristas serve como pano de fundo para a análise do instituto escolhido visto que é neste momento em que o setor neoconservador exerce maior influência no governo de George W. Bush, com seu programa para a política externa possível através do impacto dos ataques terroristas. É neste momento de mudança do quadro político da nação que é possível identificar uma alteração no espaço do discurso neoconservador, tanto no âmbito *stricto sensu* da política quanto no âmbito intelectual, que ganham força e legitimidade nesta época, apesar da participação dos neoconservadores não ser exatamente nova dentro dos quadros políticos.

É importante pontuar que os neoconservadores integram o universo político dos Estados Unidos há algumas décadas e sua origem é datada pela grande maioria dos intelectuais na década de cinquenta do século XX, onde se formam seus primeiros postulados teóricos. Inicialmente sem expressão política significativa, os neoconservadores começam a ganhar espaço através dos consecutivos fracassos dos governos democratas e da crescente adesão do setor privado, que coadunava com a proposta de redução da interferência do Estado na economia. O governo de Reagan é tido como o momento de maior influência desta cultura política que entra em declínio durante os mandatos de Bill Clinton para retornar com toda a força no momento imediatamente posterior aos ataques terroristas de dois mil e um.<sup>4</sup>

Da mesma forma com que os ataques possibilitam aos neoconservadores revisitar o argumento de que os Estados Unidos garantiriam seu poder hegemônico através da exportação dos valores norte-americanos para o resto do mundo, os argumentos de viés culturalistas também ganham amplo destaque após os atentados

terroristas. A mídia, de maneira geral, tende a construir o "eixo do mal" a partir dos argumentos de que existe um abismo entre o "Ocidente", categoria amplamente utilizada na época, e o "mundo islâmico", que dentro desta perspectiva configura-se como uma cultura atrasada, injusta e autoritária. O que ocorre, precisamente, é a junção destas duas correntes originando um tipo de pensamento que coaduna os postulados neoconservadores com os argumentos culturalistas. O princípio norteador desta vertente neoconservadora culturalista é a idéia de que a cultura é determinante para o sucesso ou fracasso das nações e os valores norte-americanos de cidadania, democracia e liberdade podem ser transplantados para as sociedades que eles consideram atrasadas como forma de acelerar o progresso das mesmas.

É importante pontuar que este tipo de argumento não é exatamente novo e esteve presente em outros momentos da história da relação entre Estados Unidos e outras regiões do mundo, em especial, a América latina<sup>5</sup>, expressas, por exemplo, na Aliança para o Progresso e nos movimentos sanitaristas das décadas de trinta e quarenta. No entanto, o discurso culturalista neoconservador se destaca pelo peso que coloca na cultura, como esfera determinante e único ponto a observar, para o desenvolvimento das nações em detrimento de análises históricas e sociológicas como o impacto causado pelo colonialismo e imperialismo nas regiões analisadas.

É baseado neste argumento, reforçado pela forma com que os ataques aos Estados Unidos em onze de setembro de dois mil e um foram apropriados pela mídia e pela opinião pública de maneira geral é que o Cultural Change Institute foi criado, em dois mil e sete. Chefiado pelo expressivo intelectual norte-americano Lawrence E. Harrison, este think tank<sup>6</sup> vem produzindo teoria e prática neste sentido. Harrison tem longa caminhada política e intelectual dentro dos Estados Unidos e desde o início de sua trajetória acadêmica produz pesquisas que colocam a cultura como assunto principal dentro de seu foco de investigação, os assuntos externos aos Estados Unidos. Associado da *Academy for International and Area Studies*, em Harvard, Harrison publica títulos como "O subdesenvolvimento é um estado de espírito: o caso da América Latina"<sup>7</sup> em 1985, onde afirma que o principal empecilho para o progresso na América Latina estava em sua cultura, e *The Pan-American Dream Do Latin America's Cultural Values Discourage True Partnership With The United States And Canada?*<sup>8</sup>, publicado em 1996, analisando sempre a impossibilidade de construção de uma

parceria entre Estados Unidos e o resto do continente americano por incompatibilidade cultural entre os mesmos.

Harrison defende o argumento de que a democracia e livre mercado são traços culturais positivos para todos, porém não se apresentam como valores suficientes para ultrapassar as diferenças culturais que separam Estados Unidos e América Latina. Harrison busca rejeitar a idéia da teoria da dependência, tratando o embate cultural entre "América anglo-saxã" e "América ibérica", que seria toda a América central e do sul, independente de seus diferentes processos históricos de colonização. Segundo ele, a tradição "ibero-católica" é particularmente inclinada ao autoritarismo, à injustiça e contrária ao livre mercado. Em contraponto, Harrison destaca os valores culturais que, afirma, levaram os países do primeiro mundo ao sucesso: ética do trabalho, educação e senso de comunidade.

É importante pontuar, entretanto, que embora Harrison tenha se estabelecido como um intelectual de expressão considerável no meio acadêmico norte-americano, suas formulações estão longe de ser consenso dentro e fora dos Estados Unidos, sofrendo duras críticas de pesquisadores reconhecidamente dedicados ao estudo dos países latinoamericanos, como por exemplo, Kenneth Maxwell, que rejeita por inteiro a teoria de Harrison<sup>9</sup>. No entanto, o autor consegue seu espaço no cenário político, como diretor de alguns programas de assistência no USAID<sup>10</sup>, e espaço no campo intelectual, construindo uma parceria crucial com Samuel P. Huntington, que origina o livro "A cultura importa: os valores que definem o progresso humano", livro paradigma da fusão dos argumentos culturalistas e neoconservadores. As teses, embora controversas, ganham amplo destaque com os ataques terroristas e justificam a criação do Cultural Change Institute, que carrega em seu nome a proposta que defende: transformar a cultura dos países subdesenvolvidos para que eles não mais sejam ameaça latente à segurança dos Estados Unidos. Esse impulso, no entanto, consiste em inserir nas culturas que estudam características que julgam serem precisamente aquelas que fomentaram o progresso dentro do cenário norte-americano.

A partir desta lógica, o Cultural Change Institute se define em sua página eletrônica como um instituto de pesquisa criado para produzir conhecimento acerca da importância da cultura para o desenvolvimento das nações, chefiando, por isso, pesquisas ao redor do mundo na tentativa de comprovar a preponderância da esfera cultural em detrimento de outras variantes dos processos sociais.

Filiado a Fletcher School, uma das mais prestigiadas escolas de graduação em assuntos internacionais localizada na Tufts University, em Massachusetts, o instituto lidera de seu escritório estudos de caso no mundo todo, em parceria com intelectuais que tem sua origem geralmente no país estudado. Como pontuado em seu endereço eletrônico, o Cultural Change Institute se apresenta da seguinte maneira, em termos de propostas e objetivos:

*O Instituto de mudança cultural trabalha para promover uma consciência da importância da cultura e da mudança da cultura em sociedades atrasadas através de estudos de casos em países, estudos dos instrumentos e instituições responsáveis pela transmissão da cultura (ex: histórias infantis, sistema educacional, religião, mídia), projetos pilotos, pesquisas sobre valores e atitudes e conferências.*<sup>11</sup>

Harrison explica que o impacto das teorias criadas e publicadas em *A cultura importa* não foram suficientes para responder a todas as questões propostas no simpósio que originou o livro.<sup>12</sup> A partir das lacunas criadas pelo simpósio é que ao autor cria o CCI, explicando que a pesquisa, dentro do instituto, tem como objetivo estudar casos de fracasso e sucesso das nações bem como implementar projetos pilotos de mudança cultural. O Cultural Change Institute possui atualmente um comitê executivo composto por dez intelectuais filiados as principais universidades dos Estados Unidos e possui uma rede de cento e seis intelectuais filiados ao instituto que provem de várias regiões do mundo, inclusive do Brasil.

O instituto já possui três publicações significativas sobre o argumento proposto. Duas delas são coletâneas de artigos produzidos pelos intelectuais filiados ao instituto que levam o nome de *Developing Cultures: case studies*<sup>13</sup> e *Developing cultures: essays on cultural change*<sup>14</sup>. A terceira obra é de autoria de Lawrence E. Harrison e foi publicada, em 2008, pela Oxford University Press, com o nome de *The central liberal truth: how politics can change a culture and save it from itself*.<sup>15</sup>

A primeira coletânea publicada com o nome de *Developing Cultures: essays on cultural change* reúne vinte e um artigos produzidos com o intuito de analisar os principais veículos eleitos pelo instituto como propagadores e modeladores de cultura. São eles: histórias infantis, educação, religião, mídia e políticas públicas. São analisados, a partir destes blocos temáticos, conjunturas que não se restringem a Estados transbordando, por isso, as fronteiras físicas,

tratando, por exemplo, da "America anglo-saxã", ou de judeus, budistas, protestantes, islâmicos, etc.

A segunda coletânea, *Developing cultures: case studies*, é composta por vinte e sete artigos que trabalham os estudos de caso produzidos pelo CCI, divididos nas seguintes categorias: África, Países Confucianos, Índia, Islã, América Latina, Ortodoxo/Leste Europeu e O Oeste. Neste livro, são discutidos os valores culturais que permitiram o progresso de algumas nações bem como os valores culturais que trouxeram o subdesenvolvimento para outras, com destaque ao artigo de Vera Lucia Victor Barbosa denominado "The Importance Of Culture: The Brazilian Case", onde é atribuído aos brasileiros uma atitude cultural passiva oriunda de uma visão personalista do poder que foi construída pela dependência que os escravos e a população geral tinham em relação ao senhor, atitude que, segundo a autora, permanece até hoje.

Vera Lucia Barbosa elenca as principais características do brasileiro da seguinte forma: pessoas pobres geralmente esperam resolver suas necessidades baseadas na esperteza ou com a ajuda paternalista das autoridades. Os governos, federais ou municipais, são paternalistas e clientelistas em sua grande maioria, o poder político é exercido para beneficiar o próprio poder e não o bem comum de forma que a maioria dos políticos enxergam no populismo a forma de ganhar as eleições e no nepotismo a principal forma de conseguir empregos. Além disso, a autora segue afirmando que a corrupção reina não só nos governos mas em toda a sociedade, as pessoas não confiam nelas mesmas, não possuem idéia precisa de cidadania e que atrás da cordialidade dos brasileiros existe uma sociedade com grande potencial de violência. Estes, segundo a autora, seriam os principais empecilhos para o desenvolvimento e progresso do Brasil, não sendo discutidos nenhum outro aspecto que não os valores culturais que foram atribuídos ao brasileiro no artigo da pesquisadora brasileira.

O terceiro livro, *The Central Liberal Truth*, também é vinculado ao Cultural Change Institute, mas é escrito inteiramente por Lawrence E. Harrison. O primeiro capítulo intitulado "o enigma da Hispaniola"<sup>16</sup>, tem como objetivo comparar o Haiti com a República Dominicana para entender como a cultura explica o fracasso de um e o sucesso da outra. O livro segue tratando dos seguintes temas, divididos em partes assim denominadas: "Cultura desagregadora", "modelos e instrumentos de transmissão e mudança cultural", "religião e progresso", "padrões de mudança cultural", entre outros. A parte mais

curiosa, porém, reside na implantação dos projetos pilotos que buscam alterar a cultura de alguns países para confirmar a teoria de que a cultura pode fomentar o progresso. Para isso, o Cultural Change Institute planeja implementar projetos pilotos de mudança cultural ao redor do mundo, iniciando dois modelos principais até o momento. Os principais projetos pilotos estão localizados no México e Costa Rica, com o objetivo de alterar hábitos e costumes como, por exemplo, a forma com que as histórias infantis são contadas e a mudança do currículo educacional destas regiões.

No México, o estudo vai analisar o impacto de duas abordagens diferentes de ensino do conhecimento, com o objetivo, segundo o instituto, de fomentar as habilidades para construção de uma cidadania democrática entre jovens de baixa renda em duas cidades: Nuevo Leon e Guerrero. A intervenção cultural vai dividir grupos de estudantes, oferecendo acesso a duas modalidades diferentes de ensino da cidadania: para o primeiro grupo será oferecido somente a educação acadêmica e para o segundo, a integração da educação acadêmica com a aprendizagem de serviços. Esses dois tipos de ensino estão sendo implementados em sessenta escolas secundárias na área de Monterrey e em outras sessenta escolas secundárias na área de Acapulco.

O estudo no México é dirigido por Fernando Reimers, que também integra o Cultural Change Institute e é professor de educação internacional do departamento de educação de Harvard. Além dele, existe uma parceria com colegas<sup>17</sup> de duas instituições locais do México além da chamada "VIA educacion", uma organização sem fins lucrativos situada em Monterrey especializada em desenvolvimento profissional do professor, na Universidade Iberoamericana no México. Existe também uma firma especializada em pesquisa que está responsável pelo desenvolvimento e administração dos questionários, sob a direção de uma equipe de pesquisa.<sup>18</sup>

Em Costa Rica, o objetivo do estudo é medir o impacto de uma recente intervenção cultural implementada pelo CCI nas famílias Costa Riquenhas. A intervenção é um currículo dirigido de valores a serem incutidos nas histórias contadas para as crianças e tem como objetivo aguçar as habilidades que os pais precisam para criar crianças que possam posteriormente apresentar progressivos atributos culturais, como por exemplo, a crença na importância da educação, empreendedorismo, democracia e justiça social. O projeto está acontecendo em centros de puericultura no vale central de San

José, na Costa Rica. O estudo foi criado por Jerry Kagan, um professor emérito de psicologia de Harvard em parceria com Martha Julia Garcia-Seilers, professora de desenvolvimento infantil da própria Tufts University e é dirigido por Luis Diego Herrera Amighetti, um psiquiatra costa-riquenho.

A grande crítica que atua hoje no campo acadêmico em relação a estas teses é o reducionismo destas formulações, que tendem a ignorar fatores importantes como a dinâmica e a pluralidade existente em cada uma destas categorias culturais e as disputas e as diferenças que o campo da cultura carrega em si. Não é possível, no entanto, entender estas teorias apenas como mero exercício intelectual visto que trata-se, no caso, da transformação de argumentos teóricos em prática e por isso os usos políticos deste tipo de argumento aparecem de forma mais explícita. A própria lógica dos chamados think tanks nos Estados Unidos, como mostra Tatiana Teixeira em seu estudo sobre a importância destes institutos no cenário político norte-americano, passa pela formulação de teorias que busquem corroborar políticas de governo.<sup>19</sup>

Outra crítica bastante coerente é entender que ao tratar a cultura como uma segunda natureza imutável em sua essência, o discurso que se produz hoje através desta percepção se iguala muito ao discurso utilizado no século XIX, este munido, porém, do conceito de raça para justificar as práticas de dominação da época. Ao utilizar o racismo como justificativa ideológica de que era necessário aos povos não-europeus, sistematicamente tidos como selvagens, atrasados e desorganizados, a inserção de valores europeus como progresso econômico, política liberal, e outros é que o discurso do colonialismo se legitimou e assim a subjugação da África e Ásia neste período.<sup>20</sup> Ou seja, o que se observa é que o termo cultura dentro desta perspectiva opera com muito sucesso, substituído pelo termo raça de outrora, já que a idéia de que a raça delimita o futuro de um sujeito ou um grupo social está mais do que ultrapassada entre o meio intelectual. Através desta nova reformulação, o processo remonta à antiga questão do fardo do homem branco e à questão civilizadora do século XIX, na medida em que a cultura também se caracteriza, na perspectiva destes neoconservadores, como algo que pode ser recortado, excluindo o que não serviria e colado o que estaria de acordo com a busca do desenvolvimento e da prosperidade. Cabendo lembrar, obviamente, que esta prosperidade é alcançada via Ocidente ou representantes deste. Assim, a justificativa atual para explicar a natureza da desigualdade entre os

povos e a inevitabilidade da intervenção do Ocidente em áreas como o Oriente Médio, por exemplo, é construída através de um recurso a um culturalismo descomprometido com as demais questões inerentes aos processos e as conjunturas nos campos de disputas de força.<sup>21</sup>

Não é possível, até o presente momento da pesquisa, fornecer análises mais consistentes relativas ao conteúdo dos artigos publicados pelo Cultural Change Institute visto que o trabalho com as fontes está muito recente, porém, a proposta do artigo está na identificação do instituto enquanto instrumento político, formulando teorias com propósitos específicos para a conjuntura pós onze de setembro. Ao eleger como tema os Estados Unidos, a pesquisa busca produzir um tipo de investigação que rejeite a idéia do senso comum de que existe uma intenção de dominação mundial por parte dos Estados Unidos visto que esse tipo de análise reducionista não acrescenta em nada a produção de conhecimento sobre o tema. É interessante, contudo, analisar como um momento ou uma condição extrema dentro da história dos Estados Unidos, e considerando o impacto dos atentados de onze de setembro, até mesmo dentro da história mundial, pode revelar aspectos importantes de relações de poder, ideologia, identidade e muitos outros traços das relações sociais que estavam latentes e que se manifestam de forma mais contundente quando uma existe uma situação de confronto direto. O Cultural Change Institute, dentro desta perspectiva, mais do que um órgão de investigação, demonstra-se um produtor de políticas governamentais com o poder simbólico necessário para fazer valer suas teorias não de forma pontual, mas alcançando objetivos em escala global.

#### Notas de Referência

- \* Mestranda do Programa de Pós-Graduação em História Política da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), orientada pela Professora Doutora Eliane Garcindo de Sá. Contato: samanthacintra@yahoo.com.br
- <sup>1</sup> Retirado do site que reúne todos os discursos do presidente George W. Bush, traduzido por mim. O original pode ser encontrado na página eletrônica <http://www.presidentialrhetoric.com/speeches/bushpresidency.html>. Acesso em 20/05/2010.
- <sup>2</sup> JUNQUEIRA, Mary Anne. "Os discursos de George W. Bush e o excepcionalismo norte-americano". Margem (PUCSP), São Paulo, v. n 17, p. 163-171, 2004

- <sup>3</sup> BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2009.
- <sup>4</sup> DEMANT, Peter. *Exportação da democracia: hegemonia do modelo neoconservador na política estadunidense para o oriente médio?* In: Cena Internacional, Ano 7, número 2, 2005. Pág. 37.
- <sup>5</sup> É importante considerar que o próprio termo "América Latina" deve ser desnaturalizado, considerando grandes estudos sobre as implicações políticas do termo como é o caso do estudo de Feres Jr, *A história do conceito de "Latin America" nos EUA*, Bauru SP, EDUSC, 2005.
- <sup>6</sup> Think tanks que são institutos de pesquisa muito consultados pelo governo norte-americano em suas decisões. Para melhor contemplar a grande importância destes órgãos dentro do cenário norte-americano, consultar a pesquisa de Tatiana Teixeira, *Os think tanks e sua influência na política externa dos EUA: a arte de pensar o indispensável*. Rio de Janeiro, Revan, 2007.
- <sup>7</sup> HARRISON, Lawrence E. *Underdevelopment is a state of mind: the latin american case*. University Press of America, 1985.
- <sup>8</sup> O título traduzido significa: "O sonho panamericano: os valores culturais latinoamericanos desencorajam a verdadeira parceria com Estados Unidos e Canadá?". Tradução minha.
- <sup>9</sup> A resenha pode ser encontrada em sua forma integral no site do periódico da Foreign Affairs através do link <http://www.foreignaffairs.com/articles/52971/kenneth-maxwell/the-pan-american-dream-do-latin-americas-cultural-values-discour> Acesso em 10/08/2010.
- <sup>10</sup> A partir da constatação da importância geopolítica que o USAID teve para os Estados Unidos no momento posterior à Revolução Cubana, estabelecendo relações com diversos governos latino-americanos da década de sessenta, o projeto busca investigar melhor essa relação, atentando, inclusive, para o alcance desta agência no Brasil, a partir da aliança MEC-USAID, amplamente criticada pela esquerda da época.
- <sup>11</sup> Tradução minha de um trecho do texto encontrado na página eletrônica do CCI, através do link <http://fletcher.tufts.edu/cci/studies.shtml> Acesso em 10/08/2010.
- <sup>12</sup> HARRISON, Lawrence. Introduction. In: HARRISON, Lawrence e BERGER, Peter. *Developing cultures: case studies*. Routledge, 2006. Pág. XIV.
- <sup>13</sup> HARRISON, Lawrence e BERGER, Peter. *Developing cultures: case studies*. Routledge, 2006.
- <sup>14</sup> HARRISON, Lawrence e KAGAN, Jeorme. *Developing cultures: essays on cultural change*. Routledge, 2006.
- <sup>15</sup> Harrison, Lawrence. *The central liberal truth: how politics can change a culture and save it from itself*. Oxford University Press, 2006.
- <sup>16</sup> Neste capítulo, Harrison descreve a região onde se encontra Haiti e República Dominicana como "the island of hispaniola", a ilha de

Hispaniola, afirmando que as diferenças de clima, geografia e meio ambiente são neutralizadas em sua explicação que busca provar que a diferença de desenvolvimento entre as duas é apenas de caráter cultural.

- <sup>17</sup> Embora cite a participação destes "colegas", o site não informa nomes nem cita quais seriam estas instituições.
- <sup>18</sup> Também não é citado o nome da empresa responsável pela pesquisa.
- <sup>19</sup> TEIXEIRA, Tatiana. *Os think tanks e sua influência na política externa dos EUA: a arte de pensar o indispensável*. Rio de Janeiro, Revan, 2007.
- <sup>20</sup> FACINA, Adriana. *De volta ao fardo do homem branco: o novo imperialismo e suas justificativas culturalistas*. In: História e luta de classes. Ano 1. Edição n°2. 2006. Pág. 66.
- <sup>21</sup> Idem. Pág. 72.